

# Presidente quer ampliar base de sustentação no Congresso

"Quero saber definitivamente qual a base parlamentar com que posso contar para examinar outras alternativas". Esta frase, dita pelo presidente José Sarney durante a reunião de emergência do Conselho Político, era apontada, ontem, por vários deputados, como prova de que ele está preocupado em ampliar sua base de sustentação política.

O deputado José Sarney Filho (PFL-MA), contribuiu para robustecer essa convicção porque revelou a deputados liberais que, pelo menos na sua opinião, o Governo tem de fazer um "partidão". Apesar da ressalva, os políticos estão convencidos de que o deputado reflete, naturalmente, o pensamento de seu pai.

## PARCEIROS

A votação da emenda convo-

cando a Assembléia Constituinte, especialmente a proposta do deputado Jorge Uêqued (PMDB-RS) ampliando a anistia, deixou seqüelas e provocará inevitáveis desdobramentos no quadro político, segundo muitos parlamentares.

Essas conseqüências só não serão imediatas porque há uma natural expectativa em torno das eleições de 15 de novembro, quando alguns resultados poderão ser considerados decisivos. Nas conversas informais, a maior preocupação é com São Paulo, onde Jânio Quadros parece ter mais possibilidades. Como acentuou ontem um deputado liberal muito próximo ao presidente Sarney, a vitória de Jânio poderá ser o cimento de junção dos moderados de todos os partidos.

Os descontentamentos entre PMDB e PFL não se limitam à

disputa de cargos. Na reunião de emergência do Conselho Político, o líder do PFL na Câmara, José Lourenço (BA), frisou que os liberais votariam contra a emenda Uêqued, de acordo com a recomendação do Governo, mas exigiam a contrapartida dos "parceiros" Ulysses Guimarães e Pimenta da Veiga (presidente e líder do PMDB) que teriam de votar contra.

Na impressão de vários parlamentares, as "outras alternativas" do Presidente da República seriam, basicamente, o apelo que tem em setores do PDS. O líder do PDS na Câmara, Prisco Viana (BA), foi, inclusive, acusado por sua banca de estar agindo na votação da Constituinte de acordo com a vontade do presidente José Sarney, com quem tem mantido contatos telefônicos.

## Aureliano critica os partidos

O maior fracasso das lideranças políticas no Brasil, nessa fase de transição do regime, foi a reorganização partidária, que não deu certo, segundo o ministro das Minas e Energia, Aureliano Chaves, para quem esta realidade terá que ser devidamente avaliada para encontrar alternativas que tornem mais representativo o quadro partidário, ainda antes da eleição da Constituinte em novembro de 1986.

Numa análise informal a respeito da vida política nacional, o ministro das Minas e Energia constata que só existe um grande partido, o PMDB, com grande apelo popular, enquanto os demais são verdadeiras caricaturas de partidos. O próprio PFL ainda não demarrou para desempenhar seu papel e estabelecer o equilíbrio.

## GIGANTISMO

Para que o panorama partidário tivesse equilíbrio, era indispensável que alguns partidos tivessem demarado, como é o caso do Partido da Frente Liberal. Mas, infelizmente, segundo o ministro, isso não ocorreu e o PMDB está praticamente soli-

tário, ameaçando se transformar em um novo Arenão.

Segundo Aureliano, a fragilidade da vida partidária pode ser vista a olho nu pela desordenação com que agem os partidos dentro do Congresso. Não há aquela disciplina consciente que nasce da adesão de cada militante à causa partidária. O que sofreu e sofre o líder Pimenta da Veiga, tendo que lutar com tantas dificuldades dentro do seu partido, o PMDB, sofreria qualquer outro.

Aureliano Chaves lembra que não se pode confundir autoridade com autoritarismo — mas a autoridade torna-se necessária em qualquer regime democrático. Para que haja verdadeira ordenação democrática, é preciso que exista uma espécie de autoridade consentida, que se exercita com a plena concordância do meio.

O ministro lembra-se de que os partidos que funcionaram durante o reinado da Constituição de 1946 conheciam suas dissenções, viviam suas crises, mas regiam-se por normas disciplinares que resultavam de um consenso entre seus membros.

Em 1962, lembra-se Aureliano de que era o líder da UDN e do

Governo Magalhães Pinto na Assembléia de Minas Gerais. O PSD era, então, o primeiro partido, a UDN o segundo, o PTB o terceiro, o PR (Partido Republicano), de Arthur Bernardes) o quarto.

Havia muita luta, muito empenho nas votações, mas os acordos eram religiosamente respeitados. Havia disciplina em cada partido pela adesão consciente dos seus integrantes. Hoje, o que se vê, é uma completa desarticulação que revela a não-identidade dos políticos com os seus partidos.

O senador Amaral Peixoto, presidente do PDS, concorda com as observações do ministro e diz que o maior erro do movimento vitorioso em 1964 foi extinguir os partidos políticos que, bem ou mal, já existiam e representavam importantes correntes de opinião dentro da sociedade brasileira.

Se tinha apreensões com o precário quadro partidário do País, Amaral viu crescer essas preocupações pelo que lhe foi dado observar durante a votação da emenda convocatória da futura Assembléia Nacional Constituinte. Ele diz que, agora, tem mais razões para temer pelo futuro político do País.